



O jornal na sala de aula: práticas, reflexões e cidadania¹

Fernanda Amorim Accorsi; UEM/FAMMA²

RESUMO

Neste artigo, é problematizado o jornal na sala de aula sob a ótica dos Estudos Culturais. Nosso ponto de partida é a seguinte questão norteadora: qual o papel do jornal impresso na escola do século XXI? Como não pretendemos esgotar o assunto, nem elaborar um manual sobre a prática pedagógica com jornal, mas discutir a mídia na educação, estabelecemos uma

pesquisa bibliográfica com as contribuições de autores/as como Kellner (2001), Belloni (2009), Teruya (2006, 2009) e Orozco-Gomes (2006). Verificamos que a mediação docente é capaz de formar leitores/as críticos/as, os/as quais utilizam o veículo como ponto de partida para as discussões culturais e sociais em sala de aula.

PALAVRAS-CHAVE: jornal, sala de aula, mediação docente.

¹ Parte das discussões deste artigo foi apresentada na XIX Semana de Pedagogia, da Universidade Estadual de Maringá (UEM), no trabalho intitulado "A mediação docente no uso do jornal na sala de aula".

² Doutoranda e mestre em Educação pelo Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Estadual de Maringá (UEM). Especialista em Comunicação e Educação pela Faculdade Cidade Verde (FCV) e jornalista pela Faculdade Maringá. Professora de Publicidade e Propaganda, da FAMMA (Faculdade Metropolitana de Maringá). (accorsifer@gmail.com)

The newspaper in the classroom: practical, thoughts and citizenship¹

Fernanda Amorim Accorsi; UEM/FAMMA²

ABSTRACT

In this article, is problematized the newspaper in the classroom from the perspective of Cultural Studies. Our starting point is the following question: what is the role of the printed newspaper in the school of the XXI century? How not intend to be exhaustive, nor develop a handbook on teaching practice with newspaper, but discussing media in education, established a literatu-

re search with contributions from authors as Kellner (2001), Belloni (2009), Teruya (2006; 2009) and Orozco-Gomes (2006). We found that the teacher's mediation is able to form critics readers which use the vehicle as a starting point for cultural and social discussions in the classroom.

KEYWORDS: newspaper, classroom, teaching mediation.

¹ Parte das discussões deste artigo foi apresentada na XIX Semana de Pedagogia, da Universidade Estadual de Maringá (UEM), no trabalho intitulado "A mediação docente no uso do jornal na sala de aula".

² Doutoranda e mestre em Educação pelo Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Estadual de Maringá (UEM). Especialista em Comunicação e Educação pela Faculdade Cidade Verde (FCV) e jornalista pela Faculdade Maringá. Professora de Publicidade e Propaganda, da FAMMA (Faculdade Metropolitana de Maringá). (accorsifer@gmail.com)

INTRODUÇÃO

Este artigo discute a relação entre comunicação e educação no campo dos Estudos Culturais e parte do pressuposto de que a mídia³, por meio de imagens, sons, textos, ideias e destaques, constrói o imaginário coletivo e colabora, diretamente, na formação da identidade dos sujeitos (GIROUX, 2003; NUNES, 2010). Sobretudo, neste início, é relevante ressaltar que não analisamos a relação entre mídia e as práticas pedagógicas de modo dicotômico, separando entre boa ou ruim, correta ou errada, pois vislumbramos que o contato com as mensagens midiáticas implica em reflexão e deve ser permeado pela crítica.

Programas de televisão, aplicativos de celular, sites da internet, programas de rádio dividem as atenções de crianças e adolescentes do século XXI. Tecnologias e mídias têm realizado uma educação para além da sala de aula. Na escola ou fora dela, os jovens se deparam com um turbilhão de informações, capazes de atrair e confundir, já que diante do caos de informação, cada um lida com o excesso de uma forma.

Os/as professores/as também fazem parte deste universo, se antes as fontes para aprimorarem as práticas pedagógicas eram os livros e a escola formal, agora elas também são encontradas nos *websites*. Tudo muito rápido e acessível para os/às conectados/as ao mundo digital (GADOTTI, 2007).

A aprendizagem não acontece apenas por meio de apostilas ou livros didáticos, no espaço temporal em que nos encontramos, a segunda década do século XXI, podemos mencionar que houve mudanças educativas oportunizadas pelas mídias. Como nos lembra Orozco Gomes (2006), se antes a palavra final do conteúdo historicamente elaborado era a do livro, agora é a da tela.

As mensagens oriundas das telas permeiam a subjetividade humana e ao serem internalizadas colaboram com a construção dos modos de pensar o social, o cultural, o econômico e o político. Defendemos a função midiática de educar porque “[...] nos ensinam determinadas formas de ser, de se ver, de pensar e agir sobre as coisas e sobre os outros” (WAGNER, SOMMER, 2007, p. 02).

Orozco Gomes (2006, p. 96) compara a aprendizagem pela mídia e o saber institucionalizado: “[o] que se aprende aí resulta muitas vezes mais relevante do que aquilo que se aprende em instituições educativas formais”. Nesta perspectiva, os/as educadores/as temem serem substituídos/as pelos instrumentos tecnológicos,

uma vez que a aprendizagem pelas tecnologias acontece pela exploração, pelo descobrimento, onde o/a aluno/a é autônomo/a e descobridor/a de seu caminho.

Alguns/as professores/as recusam as mídias e as tecnologias em sala de aula também pela dificuldade em usá-las didaticamente, demonstram insegurança, pois não tiveram formação acadêmica que subsidiasse a prática em sala de aula (CITELLI, 2000). Atitude que isola a escola das outras esferas sociais, as quais já têm feito destes mecanismos suportes para atingir seus objetivos. Não podemos generalizar as práticas pedagógicas das escolas brasileiras, afinal em muitas instituições já existem iniciativas em que a mídia tem espaço no processo de ensino e aprendizagem.

Nesta conjuntura, com o aparecimento constante de novas formas de comunicação, muito se discute se os meios de comunicação, como o jornal e a revista impressa, continuarão a ter espaço entre os usuários de mídia. Há quem se recuse a ler o mesmo conteúdo do impresso na internet e empresas jornalísticas têm desenvolvido programas que levam o jornal para as escolas, prática em crescimento nos últimos anos. “No Brasil, os projetos de jornal e educação estão reunidos principalmente no programa da Associação Nacional de Jornais – ANJ e atingem mais de sete milhões de alunos em todo país” (CAPRINO, 2008, p.2).

A pesquisa “Jornal e educação: da leitura à cidadania” de 2008, encomendada pela Associação Nacional de Jornais (ANJ) com os/as estudantes, aponta que o jornal é capaz de colaborar com o desenvolvimento da cidadania. Os/as estudantes entrevistados/as disseram que os jornais precisam dar voz às pessoas carentes e à comunidade e não apenas escutar o que os órgãos públicos têm a dizer. “Entre as ações citadas estão uma maior conscientização da população e o estímulo à redução do preconceito” (PESQUISA JORNAL E EDUCAÇÃO, 2009, p 28).

Estes estudantes frequentam as escolas integrantes de programas de Jornal e Educação, ou seja, as instituições onde estudam já utilizam o jornal na sala de aula. Conforme o site da ANJ, existem 50 projetos de empresas jornalísticas que oferecem o jornal às escolas, instituições de educação não formal e bibliotecas, cujo objetivo é formar novos leitores de jornal. Professores/as e alunos/as têm acesso ao veículo e, em alguns casos, contam com capacitação/orientação para o desenvolvimento da prática pedagógica (ASSOCIAÇÃO NACIONAL DOS JORNAIS, 2012).

³ Adotamos o conceito de mídia como um conjunto de meios de comunicação que funciona “[...] como um terreno de disputa que reproduz em nível cultural os conflitos fundamentais da sociedade e, não como um instrumento de dominação” (KELLNER, 2001, p. 134).



Para Gadotti (2007, p. 58), todo docente necessita de apoio teórico e pedagógico para formar leitores/as capazes de “[...] saber distinguir, sem separar, o texto, o contexto e a realidade. [...] Um texto não é a realidade”. Ler jornal nas entrelinhas é conquistar o que Giroux (1997) chama de “promessa de emancipação”, uma vez que o jornal oferece a oportunidade do leitor e da leitora também produzirem conteúdo e entenderem a dinâmica da produção jornalística.

Giroux (1997) discute que a cultura visual, permeada pela televisão e pela internet, compromete a autorreflexão, isso porque as mensagens são enviadas de modo ameno, em que o indivíduo apenas recebe, enquanto na leitura de jornais, o público precisa elaborar o conteúdo para compreendê-lo, como se a cada palavra, novas significações e ideias surgissem em suas mentes.

A cultura impressa é acessível e **barata**, e seus materiais podem ser produzidos e fabricados pelo público. A leitura em grupo, bem como a leitura solitária, proporciona o espaço e distanciamento “privados” raramente oferecidos pelas culturas eletrônicas e visuais (GIROUX, 1997, p. 120) (grifo do autor).

Formar leitores/as remete-se à formação cognitiva e afetiva e, nesta perspectiva, a escola precisa ser um espaço de produção e não apenas recepção das mensagens oriundas do jornal, ou de qualquer outro meio de comunicação. O jornal seria um mecanismo capaz de colaborar com o desenvolvimento intelectual dos/as estudantes, seria, ainda, um instrumento de leitura dos fatos da realidade, mas não o retrato dela.

Para formar cidadãos/as por meio do acesso ao jornal, é preciso formar leitores/as experientes e com criticidade, que conheçam os problemas sociais que acometem seus contextos e possam agir sobre eles. Nas palavras de Maria Alice Faria, “[...] jornais e revistas são, portanto, mediadores entre a escola e o mundo” (FARIA, 1996, p. 11).

Aos poucos, o jornal deixa de ser “coisa de adulto” e passa a ser foco de reflexão dos assuntos sociais e culturais de crianças e adolescentes. Na escola, os/as professores/as podem determinar um dia da semana para o trabalho com o jornal ou utilizá-lo junto com o livro didático na rotina escolar. Faria (1996) expõe a “pedagogia da informação” como didática para situar os/as alunos/as diante do excesso de mensagens midiáticas.

A referida pedagogia consiste em “[...] ensiná-lo a selecionar os fatos, organizando-os, analisando-os, criticando-os”, o que leva o estudante a complexificar operações mentais como selecionar, comparar, levantar hipóteses e conceituar (FARIA, 1996, p. 13). Diante do nosso contexto de midiatização eletrônica da cultura, objetivamos,

com este artigo, problematizar o jornal impresso na escola como forma de (re)pensar o processo de ensino e aprendizagem que ocorre pelas mídias a fim de responder à seguinte questão norteadora: qual o papel do jornal impresso na escola do século XXI?

Não pretendemos chegar a grandes conclusões, nem elaborar um modelo sobre a prática com jornal na sala de aula, mas problematizar o assunto estabelecendo uma discussão com as contribuições de autores/as que relacionam mídia e educação como Kellner (2001), Belloni (2009), Teruya (2006, 2009) e Orozco-Gomes (2006).

LEITURA CRÍTICA DO JORNAL

O jornal pode ser uma rica fonte de construir o conhecimento. No entanto, percebemos certa timidez entre os/as educadores/as em trabalhar temas polêmicos. Um deles seria a prostituição, que aparece no jornal diariamente, na seção de anúncios. Uma ambivalência se dá nesse momento, pois de um lado existe uma dificuldade em abordar temas como prostituição, em contrapartida, especialistas e autores, que tratam sobre o jornal na escola, apoiam a discussão, o debate e a flexibilização do conteúdo escolar na prática. O/a professor/a, neste sentido, não sabe exatamente o que fazer com a demanda da referida informação.

Outro ponto para reflexão da prática com o jornal na sala de aula é a formação dos/as professores/as para identificar as ideologias, que perpassam as mensagens da mídia, visto que analisá-las é, também, compreendê-las como parte de uma empresa jornalística, inserida em um contexto que visa o lucro. Tomamos o conceito de ideologia aqui como aquele discutido por Kellner (2001), que problematiza a opressão de um grupo em detrimento de outro, a mesma ideologia que inferioriza as mulheres em benefício dos homens e que estipula o que é “próprio” e “impróprio”.

Portanto, o professor atento às ideologias midiáticas visualiza as vozes silenciadas e excluídas do noticiário, bem como percebe pessoas e ideias que possuem maior destaque. Diante disso, a criticidade docente está em compreender o porquê do silenciamento em detrimento do realce de algumas informações, entendendo, ainda, as parcerias comerciais e a linha editorial defendida pelos jornais diários.

Afinal, os meios de comunicação não podem ser vistos como meros retratos da realidade, responsáveis por disseminar a verdade do que acontece na sociedade. “Grande número de pessoas são levadas a acreditar que tudo o que vem no jornal é verdade ou é a verdade sobre o fato” (FARIA, 1996, p. 14). Mas a autora alerta: “Basta cotejar os títulos de uma mesma notícia em dois jornais

diferentes para se pôr em dúvida esta crença” (1996, p.14). Portanto, o jornal na sala de aula pressupõe um conhecimento sobre a mídia e suas mensagens, para que sejam usadas em suas potencialidades comunicativas de ensinar, promover conhecimento e não disseminar os padrões e as representações do real.

É imprescindível que ocorra a leitura crítica da mídia para que seu uso não seja sintetizado ao entretenimento e à leitura superficial em que se adquirem conceitos e princípios sem questionamento. Entender a cultura da mídia é compreender como ela “[...] transmite representações opressivas de classe, raça, sexo, sexualidade, etc. capazes de influenciar pensamentos e comportamento [...]” (KELLNER, 2001, p. 83).

Afinal, concordamos que exista uma cultura compartilhada pela escola e pelos meios de comunicação, porém não podemos considerá-la “a única cultura do mundo”. As manifestações de cultura local também vêm conquistando espaço nas esferas sociais e os/as professores/as precisam conhecer essas manifestações para não classificar e censurar a cultura dos/as educandos/as. A escola pode ser um espaço de desconstrução do sujeito, onde ocorrem “os fluxos culturais” (MACEDO, 2010).

Retornando ao trabalho com os anúncios sobre prostituição, veiculados pelo jornal, nossa proposta é de que ele seja foco de debate sobre escolhas, tabus, pudores e necessidades sociais e culturais dos sujeitos de determinada sociedade. Um campo que tem se preocupado com a criticidade na recepção do conteúdo dos meios de comunicação é chamado de mídia-educação, cuja concepção trata da mídia como uma “escola paralela”.

Maria Luiza Belloni e Evelyne Bévort (2009) explicam que os termos como “mídia-educação” ou “educação para as mídias” surgiram na década de 60, com organismos internacionais como a UNESCO e alertam que educação e mídia podem caminhar juntas.

Trata-se de um elemento essencial dos processos de produção, reprodução e transmissão da cultura, pois as mídias fazem parte da cultura contemporânea e nela desempenham papéis cada vez mais importantes, sua apropriação crítica e criativa, sendo, pois, imprescindível para o exercício da cidadania (BELLONI; BÉVORT, 2009, p.3).

O desenvolvimento do espírito crítico no espaço escolar supõe receber as mensagens midiáticas não como fontes de verdades, mas como mídias que transmitem informações carregadas de subjetividades. Compreender o conteúdo dos meios de comunicação exige compreender o processo de codificação e decodificação dos princípios e valores disseminados nos conteúdos dos meios de comunicação (HALL, 2003; FREIRE, 2011; TERUYA;

MORAES, 2009). A preocupação com a recepção das mensagens midiáticas justifica-se porque se os conceitos midiáticos interferem e até modificam o sujeito, desta forma, a humanidade caminha por uma direção desconhecida. Para Belloni (2009) tal caminho pode ser perigoso.

Para ler criticamente a mídia não podemos nos apegar em manuais e cartilhas, mesmo aquelas feitas por especialistas. O trabalho de educação para as mídias, em sua essência, não é fácil, requer do/a professor/a uma postura de constante crítica, um olhar aguçado sobre a sua realidade e sobre as narrativas midiáticas que chegam até ele/a. Para conhecer e utilizar o jornal na sala de aula é preciso verificar sua postura ideológica, perceber nas entrelinhas de suas manchetes, reportagens e fotografias intenções e objetivos não tão explícitos.

É assim que a educação pode se tornar uma área de militância, de novas configurações culturais, em que o professor e a professora têm a função de dar outros significados à prática docente, concebendo relações culturais – seja com os/as alunos/as ou com o jornal - permeadas pela luta e pela emancipação. Nesta perspectiva de trabalho pedagógico, a prática docente não precisa voltar-se apenas para o livro didático, também existe a possibilidade de apoiar-se em artefatos midiáticos para atender às expectativas de alunos e alunas e, ainda, ressignificar as formas tradicionais de apreender.

Entretanto, antes de levar o jornal para a leitura em sala de aula, é necessário conhecer o material a ser trabalhado. Isto implica em problematizar seu conteúdo para elaborar questões no momento da leitura e refletir sobre as informações disponibilizadas por ele. Freire (2011, p. 40) escreveu que na esfera da educação “[é] pensando criticamente a prática de hoje ou de ontem que se pode melhorar a próxima prática” (FREIRE, 2011, p. 40). Repensando o trabalho com o jornal é que podemos nos aproximar das formas críticas de utilização da referida mídia na educação.

TECENDO ANÁLISES

Neste texto, nos ancoramos em alguns autores, entre eles Maria Alice Faria (1996), mas é válido ressaltar que discordamos, em partes, da perspectiva da autora quando oferece uma sequência de atividades em seu livro “Como usar o jornal na sala de aula”, uma vez que o contexto, em que o/a professor/a-leitor/a desse livro está inserido/a, se difere em cada região do Brasil. Desse modo, é preciso ir além de sugestões para que apreenda cada mídia de uma forma, dentro de uma realidade específica. Afirmamos: não há um modelo, uma conclusão, um inacabamento, existe um fluxo constante de aprender e ensinar, de ver e interpretar.



Por outro lado, consideramos interessante o planejamento pedagógico proposto pela autora que sugere um percurso que leva em consideração o tempo que cada professor/a tem para se dedicar ao trabalho com o jornal e as características e necessidades de cada turma de alunos/as. Não temos a pretensão de prolongar a crítica ou apoio às perspectivas de Faria (1996), mas apenas de apontar o ponto de vista de nossos estudos e leituras.

O/a professor/a tem o papel de mediador/a do trabalho com a mídia na sala de aula, cuja preocupação é atender, entre outras coisas, ao currículo escolar, aos projetos, às necessidades e dificuldades dos/as alunos/as e, muitas vezes, não têm formação adequada ou tempo para suprir a demanda de uma rotina escolar.

O problema é que a formação docente, no século XXI, não contempla professores e professoras como sujeitos políticos, capazes de desempenhar uma função que misture ética, crítica e sensibilidade. A análise de Giroux (2011), acerca das faculdades de educação, reforça a existência da formação docente que não observa os estudantes e as estudantes como sujeitos históricos e “[...] portadores de memórias sociais diversificadas, com o direito de falar e de representar a si próprios/as na busca de aprendizagem e de autodeterminação” (GIROUX, 2011, p. 83).

Ao observar a matriz curricular do curso de graduação em Pedagogia⁴ da UEM, percebemos que existem disciplinas semipresenciais, tais como: a Introdução à Educação e à Comunicação; Educação e Informática; Educação e Novas Tecnologias; Educação, mídia e arte, que subsidiam a formação do/a professor/a para trabalhar temas relacionados à mídia e educação.

Verificamos que, em nenhuma das ementas das disciplinas há a menção da leitura crítica da mídia ou teorias da comunicação, o que pode comprometer o trabalho crítico do/a professor/a em sala de aula. No caso do uso do jornal na escola é indispensável que o usuário deste recurso entenda o funcionamento da comunicação, conheça os artifícios utilizados para chamar a atenção dos/as leitores/as e perceba-os como características e diretrizes de uma empresa comercial, que está vinculada à sociedade onde ela está inserida.

Defendemos aqui uma postura atenta para que não ocorra a banalização da vida promovida pela mídia, para que a educação formal transforme o entretenimento em discussões profícuas das informações disponibilizadas

pelos grandes grupos de comunicação no país. Na escola, o/a professor/a mediador/a posiciona-se na contra-mão do direcionamento oferecido por estes grupos, para que o ensino e a aprendizagem não aconteçam de forma técnica, como ocorrem muitas vezes com o uso dos computadores na escola, onde os técnicos dão aula no lugar dos/as professores/as (TERUYA, 2006).

O paradigma educacional que nos referimos pressupõe um olhar mais apurado para as mensagens midiáticas, já que elas circulam na sala de aula.

O poder da mídia no processo de produção do universo simbólico garante a manutenção e legitimação da cultura idealizada pelos grandes grupos econômicos. A comunicação *mediática* assegura a adesão, sem resistências, ao pensamento hegemônico. A sua interferência no universo escolar, portanto, dificulta o acesso ao conhecimento da realidade concreta (TERUYA, 2006, p. 56).

Entender a mídia é o despir-se de alguns conceitos e “verdades” e educar o olhar sobre as informações, como faz Giroux (2011) sobre as produções da Disney, discutindo a “pedagogia da inocência” que envolve a significação dos trabalhos da Disney Company. Este autor percebe que as inúmeras mercadorias da Disney não tratam das batalhas culturais, ao contrário, são responsáveis por uma ideologia política que sustenta a sociedade consumidora, por meio de suas animações e aventuras aparentemente inocentes produzidas pela empresa Disney.

As mensagens da Disney demonstram seu poder de alimentar os sonhos e as fantasias da infância que são absorvidos pela cultura popular. Se a política cultural da Disney é a inocência, qual seria a política do meio de comunicação que está na sala de aula de inúmeros professores/as e alunos/as das escolas brasileiras? Para responder esta questão, levamos em conta que a pedagogia é a construção de um olhar político, indispensável ao docente desde sua formação inicial (GIROUX, 2011).

Para realizar uma leitura crítica da mídia – e entender, quem sabe, sua política – é necessário que haja uma mediação docente das mensagens midiáticas na sala de aula. No processo pedagógico, um/a professor/a que compreende as intenções dos meios de comunicação precisa trabalhar com os labirintos das imagens e mensagens, ou seja, “oferecer vários caminhos para que o sujeito conheça os elementos que vão entrar e vão construir a sua identidade [...]” (TERUYA, 2006, p. 102).

⁴ Tomamos como eixo de discussão o curso de graduação em pedagogia da Universidade Estadual de Maringá (UEM). As diretrizes do curso estão disponíveis em <http://www.pen.uem.br/html/pen/graduacao/cursos/ped.pdf>. Acesso em 17 de jan de 2014.



Afinal, a construção da identidade de sujeitos pensantes e reflexivos é a premissa de uma educação democrática e cidadã, seja com apoio do jornal, do livro didático ou de qualquer outro material.

Defendemos a formação de docentes que exercem um trabalho intelectual na sala de aula, como aquele difundido por Giroux (1997, p. 161) ao “[...] encarar os professores como intelectuais, podemos elucidar a importante idéia de que toda a atividade humana envolve alguma forma de pensamento”. Este autor trata os/as professores/as como intelectuais transformadores/as. Afinal, são eles que estão na prática, no contato direto com seus/suas educandos/as e podem promover debates e criticar os interesses sociais, políticos, culturais e econômicos por meio de suas pedagogias.

Como mencionamos neste trabalho, existem possibilidades para uma leitura crítica capaz de promover mudanças e oferecer voz aos/as alunos/as. Os/as professores/as intelectuais utilizam de suas práticas para se manifestarem contra os problemas sociais, que, muitas vezes, estão estampados nas capas do jornal.

ALGUMAS CONSIDERAÇÕES

Mesmo diante das mais modernas tecnologias, os jornais impressos estão na sala de aula das escolas brasileiras e são instrumentos que fazem parte do currículo escolar. Esperamos contribuir com a reflexão dos/as profissionais da educação acerca do jornal na sala de aula e como suas práticas pedagógicas têm sido formas para promover o olhar crítico e político dos/as alunos/as. Intencionamos, ainda, conscientizar aos/às comunicadores/as que suas produções auxiliam na construção de concepções sobre o mundo, não são apenas informativas.

Consideramos válido pensar sobre o jornal na sala de aula e como o/a docente pode exercer um trabalho que não reforce conceitos pré-estabelecidos pela sociedade vigente,

mas que seja o ponto de partida para uma formação crítica e cidadã dentro da escola e através da mídia. Isso é possível ao dar voz aos alunos e às alunas, na apresentação do conteúdo, durante as leituras do jornal, em que o professor e a professora oferecem a oportunidade para que as narrativas, até então marginalizadas, excluídas e, muitas vezes esquecidas, venham à tona, propiciando a construção de outros olhares e outras subjetividades.

Na perspectiva do campo de mídia-educação, vemos que o jornal pode ser utilizado como fonte para o desenvolvimento intelectual do/a aluno/a, mas para isso é indispensável que o/a professor/a conheça esta mídia, sua ideologia e suas tendências, atuando como mediador/a no processo de ensino e aprendizagem.

O jornal contribui para formar leitores/as, embora nossa defesa seja em prol da formação de leitores críticos, que façam elo entre as notícias e suas experiências, que consigam construir suas próprias opiniões e se posicionem diante dos temas veiculados pela mídia.

Reforçamos a ideia de uma reflexão constante sobre a prática com o jornal para que o veículo seja mediador entre a escola e o mundo, desde que se entenda que o jornal traz um recorte do mundo, um olhar sobre ele e não sua totalidade. O jornalismo e a publicidade que chegam à sala de aula são produzidos por gente e essa gente traz consigo suas experiências, abstrações e pontos de vista. Os/as professores/as – e os/as comunicadores/as – precisam saber disso.

Formar professores/as para o trabalho pedagógico com a mídia é indispensável para que ele/a não fique isolado em sua jornada e consiga compreender as formas de ensinar e aprender da sociedade em que vivem. O que é possível por meio de discussões que não tratem a mídia como certa ou errada, boa ou má, mas a veja como um espaço de produção e manifestação cultural, por isso merece nossa atenção e já está na rotina escolar.



REFERÊNCIAS

- ASSOCIAÇÃO NACIONAL DE JORNAIS (ANJ). **Programas de jornal e educação**. Disponível em <<http://www.anj.org.br/jornaleeducacao>>. Acesso em 23 jan. 2014.
- BELLONI, Maria Luiza. **O que é mídia-educação**. Campinas: Autores Associados, 2009.
- BEVÓRT, Evelyne; BELLONI, Maria Luiza. Mídia-educação: conceitos, história e perspectivas. **Educação & Sociedade**. Campinas: vol. 30, n. 109, p. 1081-1102, set/dez.2009.
- CAPRINO, Mônica Pegurer. **Interfaces Jornal e Educação: Panorama e Transformações na Sociedade Global**. Trabalho apresentado na NP Comunicação Educativa, do VIII Nupecom – Encontro dos Núcleos de Pesquisas em Comunicação do XXXI Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação. Natal, 2008. Disponível em <http://www.intercom.org.br/papers/nacionais/2008/resumos/R3-1737-2.pdf>. Acesso em 14 de jan de 2014.
- CITELLI, Adilson. Meios de comunicação e práticas escolares. **Comunicação & Educação**, São Paulo, v. 17, p. 30-36, jan/abr. 2000.
- FARIA, Maria Alice. **Como usar o jornal na sala de aula**. São Paulo: Contexto, 1996.
- FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática pedagógica**. São Paulo: Paz e Terra, 2011.
- GADOTTI, Moacir. **O jornal na escola e a formação de leitores**. Brasília: Líber Livro Editora, 2007.
- GIROUX, Henry. **Atos impuros: a prática política dos estudos culturais**. Trad. Ronaldo Cataldo Costa. Porto Alegre: Artmed, 2003.
- GIROUX, Henry A. Memória e pedagogia no maravilhoso mundo da Disney. In: SILVA, Tomaz Tadeu da. **Alienígenas na sala de aula: uma introdução aos estudos culturais em educação**. Petrópolis, Vozes, 2011.
- GIROUX, Henry A. **Os professores como intelectuais: rumo a uma pedagogia crítica da aprendizagem**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1997.
- GRADUAÇÃO EM PEDAGOGIA. **Ementa do curso**. Maringá, Universidade Estadual de Maringá. Disponível em <http://www.pen.uem.br/html/pen/graduacao/cursos/ped.pdf>. Acesso em 17 de setembro de 2012.
- HALL, Stuart. **Da diáspora: identidades e mediações culturais**. Organizadora Liv Sovik. Tradução: Adelaine La Guardia Resende [et.al]. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2003.
- KELLNER, Douglas. **A cultura da mídia – estudos culturais: identidade e política entre o moderno e pós-moderno**. Baurio: EDUSC, 2001.
- MACEDO, Elizabeth. “A cultura e a escola”. In: MISKOLCI, Richard (org.) **Marcas da Diferença no Ensino Escolar**. São Carlos: EdUFSCar, 2010.
- NUNES, Luciana Borre. **As imagens que invadem as salas de aula: reflexões sobre cultura visual**. Aparecida: Idéias e Letras, 2010.
- OROZCO-GOMES, Guillermo. Comunicação social e mudança tecnológica: um cenário de múltiplos desordenamentos. In: MORAES, Dênis. **Sociedade midiaticizada**. Rio de Janeiro: Mauad, 2006, p. 81-98.
- PESQUISA JORNAL E EDUCAÇÃO - Da leitura à cidadania. Pesquisa qualitativa sobre os programas jornal e educação. Brasília: John Snow Brasil, 2009. Disponível em: <<http://www.anj.org.br/jornaleeducacao/biblioteca/pesquisas/pesquisas>> Acesso em: 10 set. 2012.
- SODRÉ, Nelson Werneck. **História da imprensa no Brasil**. São Paulo: Mauad, 1994.
- TERUYA, Teresa Kazuko. Sobre mídia, educação e Estudos Culturais. In: MACIEL, Lizete Shizue Bomura; MORI, Nerli Nonato Ribeiro (Org.) **Pesquisa em Educação: Múltiplos Olhares**. Maringá: Eduem, 2009. p. 151-165.
- TERUYA, Teresa Kazuko. **Trabalho e Educação na Era Midiática: um estudo sobre o mundo do trabalho na era da mídia e seus reflexos na educação**. Maringá, Eduem, 2006.
- TERUYA, Teresa Kazuko; MORAES, Raquel de Almeida. Mídias na educação e formação docente, **Linhas Críticas**, Brasília, v. 14, n. 27 p. 327-343, jul./dez. 2009.
- WAGNER, Irmo. SOMMER, Luís Henrique. **Mídia e pedagogias culturais**. X Seminário de Pesquisa Ulbra. Guaíba. 2007. Disponível em: <<http://www.guaiba.ulbra.br/seminario/eventos/2007/artigos/pedagogia/262.pdf>>. Acesso em: 06 de out. de 2014.